

# GENTE DA TERRA

texto LIANA JOHN



## O guardião dos micos

**A** imagem de José Manuel de Souza que me vem à cabeça é essa, de antena em punho, ouvidos atentos e a ponta dos dedos buscando o ajuste certo de frequência para captar os sinais do rádio-colar no pescoço do mico-leão-preto (*Leontopithecus chrysopygus*) mais próximo. E olhe que se trata de uma imagem de 1989... Entre aquele dia inteiro passado atrás dos bichinhos e hoje são 18 anos de reportagens de campo na companhia de dezenas de mateiros e guias por esse Brasil. Mas nenhum deles ficou tão gravado na memória como esse Zé, o guardião do Parque Estadual do Morro do Diabo, o guardião dos micos sobreviventes do Pontal do Paranapanema, lá no extremo Oeste de São Paulo, onde o Estado faz um bico.

Talvez o diferencial chame dedica-

ção. A jornada naquele dia foi longa, batemos vários trechos de mata, a manhã toda, sem sucesso. Atravessamos a represa de Rosana e andamos mais algumas horas, nada. A tarde caindo, o cansaço chamando a desistência, e Seu Zé, firme. Localizamos um grupo de micos quando eles já se preparavam para dormir num oco de árvore, no limite da luz do dia! E só então ele baixou a antena, aguardando em silêncio de lado enquanto fazíamos as fotos.

Nascido no Nordeste, hoje com 69 anos, José Manuel se considera 'filho adotivo' de Teodoro Sampaio, para onde se mudou em 1953, quando tinha 15 anos e a cidade ainda era um distrito de Marabá. Trabalhou na terra, criou gado, tirou madeira para uso na lida e fibra para fazer cestos. "Mas nunca caçei", assegura. Entre

1968 e 1969, tornou-se servidor público, contratado como trabalhador braçal, e ajudou a demarcar os limites do Parque. Praticamente os mesmos limites atualmente visíveis em imagens de satélite, pois o Morro do Diabo é a única grande ilha de floresta remanescente em toda a região, cercada de áreas alteradas por todos os lados, sejam pastagens de grandes fazendas ou pequenos lotes de assentamentos.

"Antes do Cláudio vir para cá, eu só conhecia que existia o mico-leão-preto como sendo um macaquinho bem pequeno, de uns 30 centímetros, com a cauda maior que ele, de 35, 36 centímetros. Sabia que era bem difícil de localizar. A pessoa tem que andar atenta e ter boa visão", conta Seu Zé, referindo-se ao pesquisador Cláudio Valladares Padua, atual vice-presidente do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ). Padua foi para o Pontal em 1982 e 'bateu' aquelas matas com a ajuda do persistente mateiro durante 54 dias até conseguir capturar o primeiro mico e colocar um rádio-transmissor em seu pescoço. Os dois perderam a conta de quantos carrapatos, mosquitos e bernezes enfrentaram nesses anos de pesquisa sobre hábitos, genética e dinâmica populacional da espécie, com o objetivo de traçar - e por em prática - um bom plano de conservação.

"Depois eles (os micos) acostumaram, tinha dia que vinham na mesma trilha, seguindo na mesma linha. Quando a gente tá à procura e não espera, o animal acha a gente primeiro. O difícil foi o início mesmo. É um animal muito dócil. Comigo mesmo eles acostumaram, porque viam muito. Às vezes vinha jornalista fazer entrevista e eu tinha que sair de perto porque eles aproximavam muito de mim. Quantas vezes isso aconteceu", relata. "A



gente sempre tem isso... Não existe mais esse animal e ele pode tá indo ao fim porque tem pessoas que não sabem o valor que ele tem, como no começo, na Gleba Tucano, onde eles ficaram na dificuldade, porque o mato foi incendiado". A Gleba Tucano é uma das muitas áreas invadidas pelos sem-terra no Pontal do Paranapanema, depois transformada em assentamento. Num dos muitos lances da disputa pela posse da área a mata foi incendiada e os micos perderam a 'casa'. Mas pesquisadores e mateiros conseguiram transferir os animais.

Além de contar muito na pesquisa com o mico-leão-preto, a experiência, a paciência e o conhecimento das matas do Seu Zé também foram valiosos para outras pesquisas do IPÊ no Pontal. "Trabalhei com as antas da Patrícia e as onças do Laury. Ajudei a capturar a primeira onça preta para pôr o collar. Acompanhei também os porcos-do-mato com a Alessandra e de novo os micos com a Cris", prossegue,

referindo-se ao trabalho dos pesquisadores Patrícia Médici, Laury Cullen Júnior, Alessandra Nava e Cristiana Saddy Martins. "Agora parei de ir pro mato, aposentei na reserva (como servidor público estadual) e estou tratando da saúde, mas mato pra mim é uma paixão".

Seu Zé teve 5 filhos, "mas nenhum deles trabalha no mato, tão todos na cidade, espalhados por aí. Só a mais nova mora em Teodoro Sampaio", lamenta. Porém a emenda de consolação vem logo em seguida. "Quando a gente fala assim, fica pensando *será que nossos filhos, nossos netos vão ver alguma coisa disso que eu vi?* E a gente sabe que alguma coisa sempre eles vão ver, porque eu participei dessa herança".

Participou mesmo, Seu Zé. Sem sua persistência, sua paixão, seu cuidado e aquela antena sempre suspensa no ar, a lista de pesquisadores aí acima – e vários outros não citados – teria dificuldade para localizar e observar os animais e fazer os planos de sobrevivência.



**Uma Dupla perfeita.**  
MUITO conforto e pouco peso

**Saco de Dormir  
MICRO PLUMA**

**Pesa menos  
de 1 kg!**



Enchimento em MICROTEC-1 (excelente isolamento térmico com menos volume).  
Sistema LOOSE SHELL (costuras apenas nas laterais) evita a perda de calor.  
Suporta temperaturas de até 0° C (extremo). Ideal para o clima do Brasil.  
Vem com SACO de COMPRESSÃO para reduzir ainda mais seu volume.  
Excelente para longas percursos, faz um par perfeito com a barraca BIVAK 1.

**Barraca BIVAK 1**

**Pesa apenas 1,7 kg!**



Barraca super leve para uma pessoa (e sua bagagem).  
Fita especial resistente até 4000 mm de coluna d'água.  
Costuras seladas e resistência adicional aos raios U.V. (50+).  
Substância anti-umidade/antifungo reforçada (2000 mm de coluna d'água).  
Muito fácil de montar e embolar.  
Ideal para viagens de mata, lake ou comunidades isoladas.

[www.trilhaesrumos.com.br](http://www.trilhaesrumos.com.br)

(21) 2742-9652 TERESÓPOLIS - RJ